

opos
to com
plemen
tar

opos to com plemen tar

CURADORIA NEI VARGAS DA ROSA

MÓDULO I

24 OUT — 22 DEZ

ANDRÉ MENDES

BRUNO WEILEMANN BELO

DIHANI PA'SARO

DUHIGÓ

ÉRICA MAGALHÃES

FERNANDA VALADARES

GERVANE DE PAULA

ÍTALO TRINDADE

LEILA DANZIGER

LILIAN MAUS

LUIZA GOTTSCHALK

MARGA LEDORA

ROMMULO VIEIRA CONCEIÇÃO



AURA GALERIA

RUA DA CONSOLAÇÃO, 2767
JARDINS, SÃO PAULO/SP

SEG À SEX DAS 10H ÀS 19H
SÁB DAS 10H ÀS 17H



Na literatura astrológica, Oposto Complementar tem sido usado para explicar a junção entre duas partes com características discrepantes. Unidos a partir do ângulo oponente, os signos se unem marcados por características diferentes e, por este motivo, alcançam pontos de compatibilidade que geram equilíbrio e transformação.

Organizada em dois módulos, a mostra que inaugura a nova sede da Aura Galeria evidencia uma das principais características do contexto da arte contemporânea: a heterogeneidade de linguagens, de propostas poéticas e de múltiplas narrativas. Orientada pela riqueza que a diversidade cultural oferece, a escolha do grupo de artistas explora produções que se originam de distintas visões de mundo.

Ao buscar proposições artísticas pautadas pela qualidade conceitual e estética, formou-se um conjunto procedente das cinco regiões do País e do exterior. Artistas em início de trajetória e que rapidamente receberam reconhecimento em suas regiões estão ao lado de profissionais em meio de carreira, portanto já legitimados. A esses dois perfis se junta um terceiro: artistas em fase madura de vida que tiveram seus trabalhos em circulação de forma expressiva em determinado momento, mas por razões diversas não permaneceram de maneira continuada no sistema da arte.

Algumas questões definidoras estiveram presentes ao longo do processo de seleção para representação. Quais os compromissos que uma galeria de arte contemporânea deve assumir na construção de trajetórias de artistas visuais? Que História da Arte se pretende escrever ao aglutinar proposições dissonantes e originárias de realidades desiguais?

“Oposto Complementar” almeja unir partes para compor uma tessitura de características múltiplas, mas que se complementam entre si ao criarem relações ao mesmo tempo convergentes e antagônicas. Propõe diálogos que promovem tensões e alinhamentos para que deles surjam novas possibilidades de pensar o campo artístico.

Neste microcosmos que espelha a riqueza cultural da raça humana, a Aura Galeria saúda a comunidade que compõe o sistema da arte e deseja que sua existência colabore com novas e promissoras articulações para o desenvolvimento do pensamento crítico.

Nei Vargas da Rosa
Outubro de 2022









André Mendes

Curitiba/PR, 1979. Vive e trabalha em Curitiba/PR.

Nascido em Curitiba, 1979, onde vive e trabalha, desenvolve pesquisa e produção voltadas para desenho, pintura, escultura, instalações e intervenções espaciais. Seu interesse está centrado na materialidade da cor e seu comportamento fluido, produzindo obras que transbordam e flertam também para as outras superfícies do mundo, enveredando para o campo escultórico e arquitetônico. O tempo e o espaço são dois elementos recorrentes nas mais de duas décadas de produção do artista.

Ao longo de sua trajetória, André vem compondo um corpo de trabalho extremamente coerente sob o ponto de vista da sua investigação, abrindo espaço para a imprecisão que permeia as práticas artísticas e promovendo encontros e experiências entre técnicas e linguagens.

André Mendes é um especialista em murais e trabalha em projetos como artista visual, muralista e arte educador. Recebeu sua mais importante individual no Museu Oscar Niemeyer em 2022, marcando seus 20 anos de trajetória. Além disso, teve individuais como Lugar, na Galeria Zilda Fraletti, em 2021, em Curitiba; Ainda não, Matéria Gallery, em 2019; Roma, Italia; Antes do Fim III, Cloitre des Billettes, Paris, em 2018; a Solo Project Art Basel 2016, Galeria Ricardo Fernandes, Suíça, em 2016.



André Mendes em seu ateliê em vídeo para exposição "Lugar", 2021.



André Mendes

Gruta, 2022

óleo sobre tela

110 x 90 cm



Bruno Weilemann Belo

Rio de Janeiro/RJ, 1983. Vive e trabalha em Petrópolis/RJ.

Bruno Weilemann Belo, artista carioca radicado em Petrópolis, região serrana do estado do Rio de Janeiro, parte da pintura para investigar modos de sedimentação das imagens, das memórias e de todo um universo de fatos e ficções que surgem quando ativamos as lembranças e recordações. Assim, sua pintura se aproxima da ideia de projeção, própria ao filme e à fotografia, e passa a testar ela mesma processos de revelações que jogam com luzes, frames e sequências de imagens. Ao somar fragmentos de episódios corriqueiros com citações de outras autorias, conversando com o cinema e com a literatura, Bruno Weilemann permite a coexistência de narrativas, tempos e espacialidades que se atravessam sutilmente, desvelando-se aos poucos para cada um de nós.

Seus trabalhos em tela e papel, que misturam aquarela, grafite, tinta a óleo e acrílica, aproximam os raciocínios de esboço e rascunho próprios do desenho com a mancha da pintura. Desse modo, as produções do artista surgem desse entrecruzamento entre imagem e esquema, deixando sempre em dúvida o grau de realismo que participa dessas cenas. Ainda, suas pinturas e desenhos escorrem sobre a superfície, denotando uma submersão em efeitos de aguados. Essa liquidez da imagem de Bruno Weilemann aporta um certo teor de transitoriedade em suas narrativas, o que se contrapõe à perenidade da matéria que as constroem.



Bruno Weilemann trabalhando em seu ateliê, 2020.



Bruno Weilemann Belo

Paisagem sobre paisagem II, 2022

escultura realizada a partir de bloco de madeira, base e pinos em aço, pintura a óleo sobre tela, sobre pintura a óleo sobre tela

60 x 60 x 15 cm





Bruno Weilemann Belo

Paisagem sobre paisagem IV, 2022

escultura realizada a partir de bloco de madeira e pinos em aço tratados com verniz automotivo, pintura a óleo sobre tela sobre pintura a óleo sobre tela

70 x 90 x 11 cm





Dhiani Pa'saro

São Gabriel da Cachoeira/AM, 1975. Vive e trabalha em Manaus/AM.

Dhiani Pa'saro - nome que significa Pato do Mato, na língua Wanano - é um artista indígena da etnia Wanano e nasceu em 23 de fevereiro de 1975, na aldeia Tainá, no município de São Gabriel da Cachoeira, na região do Alto Rio Negro, estado do Amazonas. É filho de pai Wanano e mãe Kobéua, veio para Manaus aos 23 anos e formou-se em Pintura e Marchetaria na Escola de Arte do Instituto Dirson Costa de Arte e Cultura da Amazônia em 2008. É o primeiro indígena da etnia Wanano a se profissionalizar nas artes visuais. Fala fluentemente as línguas indígenas Wanano, Kobéua e Tukano.

Em seus trabalhos, Dhiani expressa a cultura primitiva e ancestral da Amazônia na cosmovisão indígena, dentro de uma expressão poética original e muito própria. Assim, ele vê na arte a possibilidade de salvaguardar a ancestralidade de seu povo Wanano, registrando hábitos das etnias amazônicas presentes em sua memória afetiva.



Dhiani Pa'saro em seu ateliê, apresentando seu processo criativo. 2021



Dhiani Pa'saro
Arara Azul, 2021
marchetaria
Ø 80 cm



Duhigó

São Gabriel da Cachoeira/AM, 1957. Vive e trabalha em Manaus/AM.

Duhigó - nome que significa "primogênita", na língua indígena Tukano - nasceu na aldeia Paricachoeira, município de São Gabriel da Cachoeira, região do Alto Rio Negro, Estado do Amazonas, Brasil. É filha de pai Tukano e mãe Dessana, etnias indígenas amazônicas. Mora em Manaus desde 1995. Concluiu o curso de Pintura na Escola de Arte do Instituto Dirson Costa de Arte e Cultura da Amazônia, em 2005, tornando-se a primeira indígena da etnia Tukano a se profissionalizar nas artes visuais.

Em suas telas, expressa, principalmente, a cultura ancestral da Amazônia na cosmovisão indígena. Também costuma representar em seus trabalhos o cotidiano próprio das "nações" indígenas, seus artefatos e elementos mitológicos. Sua prioridade é registrar a memória dos índios Tukano, assim como a natureza amazônica presentes em sua memória afetiva. Fala fluentemente as línguas indígenas Tukano, Dessana e Tuyuka, além do Português.



Duhigó trabalhando em seu ateliê. 2021



Duhigó

VE'EI (Pequena Maloca), 2021

acrílico sobre tela

80 x 100 cm





Érica Magalhães

Muriaé/MG, 1983. Vive e trabalha em Bragança Paulista/SP.

Érica Magalhães elabora esculturas que discutem conceitos como ruína, colapso, corpo, arqueologia, subjetividade e gênero. Na sua dissertação "Relações colapsantes para construção de um corpo em ruínas", defendida no Curso de Mestrado no Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em agosto de 2021, ela apresenta um texto seminal que deve ser lido com urgência.

No texto, a artista estrutura seu pensamento avançando em fronteiras ao mesmo tempo poéticas, filosóficas, autobiográficas, processuais, estruturantes e, como ela diz, colapsantes.

Do piso onírico de seu ateliê, termo por ela usado, saem criações que promovem acesso a um estado sensorial de estesia. Érica provoca um pinçamento das coisas ordinárias da vida e do mundo, pois no instante primeiro que o olho repousa sobre o trabalho algo é acionado com tal força que a sensação domina e embaralha os sentidos. É impossível sair incólume depois de ver um trabalho da artista.

Suas esculturas são erguidas em estruturas arquitetônicas construídas com elementos divergentes na sua materialidade, como blocos de concreto armado suspensos por delicadas porcelanas que subvertem e tencionam a lógica do equilíbrio. Érica atinge um grau de complexidade ao elaborar esculturas que convidam a pensar nas fragilidades que marcam a construção de subjetividades dissidentes em um mundo pouco hábil em tolerar as diferenças.



Érica Magalhães produzindo e instalando obra na UERJ. 2017



Érica Magalhães

Sem título 2022

concreto, vergalhões de ferro, pires de porcelana

36 x 160 x 36 cm





Érica Magalhães

Fênix, 2018

concreto, vergalhões de ferro, boneca de porcelana.

50 x 22 x 9 cm





Érica Magalhães

Sem Título, 2022

concreto, pires de porcelana e vergalhão de ferro

50 x 98 x 10 cm



Fernanda Valadares

São Paulo/SP, 1971. Vive em Cunha/SP e trabalha em São Paulo/SP.

Fernanda Valadares vive na zona rural, na região de Cunha/SP e trabalha em São Paulo. Tem bacharelado e licenciatura pela Faculdade Santa Marcelina (SP), e é mestre em poéticas visuais pelo Instituto de Artes/UFRGS em Porto Alegre/RS.

“Para mim, a grande arte contemporânea é viver. Se vamos falar de experiência, essa é a experiência definitiva, abrange todo mundo. Vale pra tudo, vale pra todos, vale sempre”, escreve Fernanda Valadares, e completa: “meu trabalho é morar em um contêiner no alto da montanha, é acordar quando começa a clarear, é plantar o que se come. É conviver com aranhas e não com o trânsito. É se perguntar ‘como vim parar nesse filme’ e achar a resposta (mais uma verdade), porque é muito parecido com o filme que a humanidade viveu há milhares de anos, em todas as partes do planeta”.

Teve trabalhos selecionados para o I Concurso Itamaraty de Arte Contemporânea, 64º Salão de Abril/CE e 42º Salão de Arte Contemporânea Luiz Sacilotto. Participou de várias exposições coletivas e realizou as exposições individuais: Museu de Arte Extemporânea (2012), através do XIII Concurso de Artes Plásticas Goethe Institut Porto Alegre; Na Adega Evaporada, no Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (2014); e DEPOIS, na Galeria Mamute (2015).



Fernanda Valadares em seu ateliê. 2020. Foto: Fernando Hacker



Fernanda Valadares

subversos 1986, 2022

encáustica sobre compensado naval
120 x 15 cm

Fernanda Valadares

Subversos 1961, 2022

encáustica sobre compensado naval
180 x 15 cm



Gervane de Paula

Cuiabá/MT, 1962. Vive e trabalha em Cuiabá/MT.

Nasceu em Cuiabá, capital do Estado de Mato Grosso, localizada na região centro-oeste do país, precisamente no centro geodésico da América do Sul, onde reside e trabalha desde 1977.

Único artista negro a integrar a "Geração 80", movimento artístico brasileiro de grande relevância nas artes plásticas, surgido a partir de exposição realizada, em 1984, no Parque Lage, no Rio de Janeiro. Desde então vem participando de mostras individuais e coletivas, em museus do Brasil e do exterior.

Sua obra apropria-se de referências da cultura de massa, popular e religiosa, e com tom habitualmente sarcástico e irônico tem abordado várias formas de violência urbana, partindo do cenário local para retratar o mundo em que vive: agressões ao meio ambiente, preconceito racial, desigualdades sociais, brutalidade policial, corrupção política, precariedade dos serviços públicos, inconformismo dos poderosos com o papel crítico da arte e com a liberdade de expressão são alguns dos temas tratados pelo artista ao longo das últimas quatro décadas.

Sua produção encontra-se situada entre a pintura, desenho, performance, videoarte, objeto e instalação, utilizando diversos suportes e materiais.



Performance "Gilberto Chateaubriand visita Cuiabá" por **Gervane de Paula** em 2016



Gervane de Paula

Sorria, Você Está Sendo Filmado, 2016

Óleo sobre placa de metal perfurada por balas
120 x 80 cm



ESTA

SENDO FILA



Gervane de Paula

Mapas, 2017

Óleo e colagem sobre madeira

85 x 70 cm

ARTE,
AQUIE
MÁRTIR



Para
José Aguirre
& otros
Exmintos



Ítalo Trindade

Natal/RN, 1971. Vive e trabalha em Natal/RN.

Ítalo Trindade nasceu e vive atualmente em Natal, cidade de luz intensa e permanente.

A curadora Sanzia Pinheiro Barbosa destaca o artista como “observador das cores na natureza, fato que o possibilitou construir ao longo de sua existência uma paleta de cores interior. Filiado ao construtivismo, desenvolveu um processo de criação de alta complexidade, sofisticação e maturidade formal.”

Ítalo estabelece suas pinturas em estruturas lineares, resultado de uma pesquisa que vem navegando entre o racional e o intuitivo ao longo de sua carreira. Formado em Desenho Industrial, dali pode-se ter uma influência para as figuras geométricas recorrentes em sua produção. A exuberância cromática em seu trabalho deriva de uma escolha meticulosa, alcançando composições obtidas nos estudos das cores naturais que ele vem dedicando nas últimas décadas.

Sanzia também conta que Ítalo “constrói um delicado e colorido lirismo, na tradição da pintura modernista abstrata” e categoriza seus trabalhos como “uma verdadeira experiência transcendental multicolor”.



Ítalo Trindade e sua obra. 2020



Ítalo Trindade
Noite com Sol, 2022
acrílica sobre tela
100 x 100 cm



Leila Danziger

Rio de Janeiro/RJ, 1962. Vive e trabalha no Rio de Janeiro/RJ

Artista, professora do Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, pesquisadora e poeta. Um dos vetores de seu trabalho é a investigação da página impressa (jornal, livro, documento histórico), orientando-se pelos atritos entre a micro e a macro história, entre a memória familiar e as construções da memória de violências extremas. Seus trabalhos desenvolvem-se em meios diversos (técnicas de impressão e de apagamento, fotografia, vídeo, instalação e escrita).

Atualmente está em exposição no Museu Judaico de São Paulo com a mostra "Descer das Nuvens", em cartaz até 29 de janeiro de 2023. Entre suas exposições individuais recentes estão "Navio de emigrantes", na Caixa Cultural de Brasília (2018) e na de São Paulo (2019); "Ao sul do futuro", no Museu Lasar Segall, São Paulo (2018). Publicou quatro livros de poesia pela editora carioca 7Letras: Três ensaios de fala (2012); Ano novo, (2016), C'est loin Bagdad [fotogramas], (2018) e Cinelândia (2021), além de dois livros sobre sua produção artística: Diários públicos, Ed. Contra Capa (2013) e Todos os nomes da melancolia, Ed. Apicuri (2012). Indicada ao Prêmio Pipa em 2019.



Leila Danziger com a obra Struma, 2018.



Leila Danziger

História do Brasil para crianças, 2022

capas de livros sobre cartão

80 x 120 cm





Lilian Maus

Salvador/BA, 1983. Vive e trabalha em Porto Alegre/RS.

Vive e trabalha em Porto Alegre, RS. Sua produção transita em múltiplas linguagens, tendo por alicerce a pintura e o interesse pela paisagem. Seu processo de criação centra-se na relação entre natureza, cultura e as camadas do ambiente acionadas pela memória da infância, o mar, o vento, o tempo e a observação da transformação da matéria de tudo que é vivo. Segundo o curador Marcelo Campos: "A produção da artista atenta-se, sobretudo, ao desenho, à possibilidade de observar no estriado da imagem, um mar revolto, ou de perceber que a liquefação de uma cor pode configurar uma imagem impactante, como um arco-íris. E assim, a arte de Lilian Maus vai se configurando entre imagens e nomeações, matérias e alterações."

Lilian é Doutora em Poéticas Visuais e Mestre em História, Teoria e Crítica da Arte – PPGAV/ Instituto de Artes da UFRGS e atua em pesquisas para revistas especializadas em arte, foi gestora cultural Atelier Subterrânea (Porto Alegre, 2006-2015) e vem ministrando cursos livres, palestras e exposições em âmbito nacional e internacional, tendo exibido trabalhos no Uruguai, Canadá, Estados Unidos, em Portugal, na Colômbia, Argentina, Noruega, Rússia. Possui obras nos seguintes acervos públicos: Instituto Figueiredo Ferraz, SP; Coleção Mônica e George Kornis, RJ; Pinacoteca Barão de Santo Angelo – UFRGS; Museu do Trabalho – artista Pinacoteca Aldo Locatelli – Prefeitura Municipal de Porto Alegre, MAC/RS (Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul); Instituto Estadual de Artes Visuais (IEAVI/RS) e MARGS.



Lilian Maus com a obra N85 (Travessia A). 2018.



Lilian Maus

N107 da série Área de Cultivo, 2022

acrílica e colagem de tela sobre tela, e vaso de planta com planta e planta em feltro
150 x 150 cm



Luiza Gottschalk

Salvador/BA, 1983. Vive e trabalha em Porto Alegre/RS.

Natureza e visceralidade são atribuições que podem ser conferidas à pintura de Luiza Gottschalk. Trouxe da mata da Serra da Mantiqueira, onde morou até os nove anos de idade, o olhar para a paisagem de maneira singular, retratando de forma orgânica a atmosfera dessa mata fechada com tons ficcionais. Luiza diz que a primeira pintura que viu na vida foram os líquens das árvores do bosque vermelho. Hoje, a cor é o que norteia o trabalho da pintora, que desenvolveu uma técnica única misturando tecidos, água, pigmentos e tinta óleo. Nessa técnica, o acaso é tratado como habilidade na maneira que Luiza organiza os caminhos das águas coloridas, tingindo a tela e compondo com a tinta a óleo. Antes da pintura, Luiza teve vasta experiência nas artes cênicas, por dez anos desenvolveu pesquisas envolvendo o teatro, a dança, o cinema e a instalação junto a Cia de teatro Os Satyros, onde trabalhou como diretora, atriz, cenógrafa e produtora. Da experiência com o teatro, Luiza traz procedimentos em relação à interdisciplinaridade das linguagens e a relação com o público.

Graduada em Artes Cênicas pelo teatro-escola Célia Helena (2001), em artes Plásticas pela FAAP (2014) e pós-graduada em Artes Visuais pela FAAP (2018), Luiza Ganhou os 46º e 47º prêmios da anual de artes no Museu de Arte Brasileira MAB. Entre suas exposições, destaca-se as individuais *Clareira*, com curadoria de Denise Mattar no Museu da República, em Brasília - 2022. *Ensaio Aberto* (Praça das artes, São Paulo, 2019 - curadoria Ana Paula Cohen) e *Acidente* (Estação Satyros, Praça Roosevelt, São Paulo, 2016 - curadoria de Lucas Pexão). Também se destacam as coletivas *Artists at Work* (ISCP-NY, Nova Iorque, 2020), *Unidos da Barra funda* (Olhão, São Paulo, 2018). Participou das residências artísticas ISCP-NY em Nova Iorque/2020, Atelier do centro em São Paulo/ 2017, Siena art Institute em Siena, Itália / 2016 e Agora Collective em Berlim/ 2012.



Luiza Gottschalk em residência no ISCP-NY. 2020.



Luiza Gottschalk

Trilha das Pedras, 2020

Óleo e acrílica sobre tela

283 x 203 cm





Marga Ledora

São Paulo/SP, 1959. Vive e trabalha em Campinas/SP.

Vem se dedicando à arte desde 1986. Desenho, pintura, serigrafia, gravura em metal e fotografia são técnicas trabalhadas pela artista durante essas décadas de produção, com especial atenção ao desenho e à experimentação com diferentes materiais dentro desta técnica. Seus trabalhos integram as mostras Four Flags, Galeria Jaqueline Martins, São Paulo (2020); Sonia Gomes & Marga Ledora, Galeria Mendes Wood DM, São Paulo (2018); Reinterpretando Grandes Imagens, Oficina Cultural Hilda Hilst, Campinas (2013); Galeria Gravura Brasileira, São Paulo (2012); Crônicas Fotográficas (2012); Os Livros, Alpharrabio, São Paulo (2011).



Marga Ledora. 2020.



Marga Ledora

Tenda, 2008

Pastel oleoso Maimeri e grafite sobre papel

50 x 70 cm



Margaret 2008



Marga Ledora

O caminho estreito, 2018

Grafite e giz aquarelável sobre papel

26 x 36 cm





Marga Ledora

Sem Título, 2017

Lápis aquarelável, lápis e bastão oleoso colorido sobre papel

21 x 29 cm





Rommulo Vieira Conceição

Salvador/BA, 1968. Vive e trabalha em Porto Alegre/RS.

Rommulo Vieira Conceição é um artista visual que trabalha com diversos meios, como a instalação, os objetos, a escultura, o desenho e a fotografia, explorando a percepção e as relações do homem contemporâneo no espaço. Nasceu em 1968, em Salvador-Bahia, onde começou seus estudos em artes e mudou-se para Porto Alegre-RS em 2000, onde teve orientação artística de Jailton Moreira, no Espaço Torreão (2000 – 2003). Lá fez seu mestrado (2005 – 2007) em poéticas visuais no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (IA/UFRGS).

Desde 2000 vem realizando exposições individuais e coletivas, além de residências artísticas no Brasil, na Argentina, na Austrália, no Japão e na Finlândia. Em 2006 participou do Rumos Itaú Cultural. Em 2009, realizou uma exposição individual em Ekenäs, na Finlândia. Em 2011 participou da exposição Agora/Ágora, no Santander Cultural de Porto Alegre, e em 2011 e 2015 participou da 8ª e 10ª Bienal do MERCOSUL. Entre 2017 e 2018, participou do Pacific Standard Time: LA/LA na exposição "Axe Bahia: The Power of Art in an Afro-Brazilian Metropolis" no Fowler Museum, na cidade de Los Angeles, Estados Unidos. Em 2021 participou do FRESTAS, Trienal de Arte em Sorocaba, no mesmo ano em que apresentou seu trabalho permanente "O ESPAÇO FÍSICO PODE SER UM LUGAR ABSTRATO, COMPLEXO E EM CONSTRUÇÃO" no Instituto Inhotim.



Rommulo Vieira Conceição ao lado de sua instalação em Inhotim. 2021.



Rommulo Vieira Conceição

08 da série *Entre o espaço que eu vejo e percebo, há o plano*, 2015-2016

Fotografia

117 x 171 cm





Aura Galeria

info@aura.art.br
+55 11 3034-3825
@aura.galeria



Siga a Aura

@aura.galeria